

Dificuldades para romper ciclos abusivos: uma descrição analítico-comportamental da dependência emocional em mulheres vítimas de violência doméstica com base em uma revisão integrativa da literatura.

Difficulties in breaking abusive cycles: a behavioral-analytic description of emotional dependence in women victims of domestic violence based on an integrative literature review.

Bruna Aparecida de Camargo Soares

Graduanda em Psicologia

Instituição de formação: Faculdade Galileu

Endereço Institucional: Av. Marginal 200, 680 - Vila Real, Botucatu, SP

E-mail: brusoares01413@mail.com

Bárbara Miras

Psicóloga

Instituição de formação: Universidade Estadual de Londrina

Endereço Institucional: Rua Dr Cardoso de Almeida, 1449, Centro, Botucatu, SP

E-mail: barbamiras@institutoself.com.br

RESUMO

A violência doméstica contra a mulher é um fenômeno complexo, influenciado por fatores históricos, culturais e emocionais que dificultam a ruptura de ciclos abusivos. Entre esses fatores, destaca-se a dependência emocional, compreendida, na perspectiva da Análise do Comportamento, como um padrão de respostas aprendidas e mantidas por contingências específicas de reforçamento. Este estudo teve como objetivo compreender, sob a ótica analítico-comportamental, os elementos que dificultam o rompimento de ciclos abusivos em mulheres vítimas de violência doméstica, com ênfase nas relações funcionais relacionadas à dependência emocional. A pesquisa foi conduzida por meio de uma revisão integrativa da literatura nas bases SciELO, LILACS, PubMed, PePSIC e Google Acadêmico. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 12 artigos publicados entre 2018 e 2025 compuseram a amostra final. A análise temática evidenciou que a permanência em relacionamentos abusivos é sustentada principalmente por reforçamento negativo, quando a permanência reduz conflitos, ameaças ou punições e por reforçamento intermitente, marcado pela alternância

entre episódios de violência e demonstrações de afeto. Fatores socioculturais, econômicos e a ausência de redes de apoio também reduzem alternativas de resposta e favorecem a manutenção desses vínculos. Conclui-se que a compreensão das relações funcionais envolvidas na dependência emocional é fundamental para orientar intervenções clínicas e políticas públicas que ampliem o repertório comportamental das mulheres, fortaleçam habilidades de enfrentamento e ofereçam novas fontes de reforço capazes de apoiar o rompimento de ciclos coercitivos.

Palavras-chave: Violência contra a mulher; Dependência emocional; Relacionamentos abusivos; Análise do Comportamento.

ABSTRACT

Domestic violence against women is a complex phenomenon influenced by historical, cultural, and emotional factors that hinder the interruption of abusive cycles. Among these factors, emotional dependence stands out and is understood, from a Behavior Analysis perspective, as a learned response pattern maintained by specific reinforcement contingencies. This study aimed to understand, through an analytic-behavioral lens, the elements that make it difficult for women experiencing domestic violence to break abusive cycles, with emphasis on the functional relations associated with emotional dependence. The research was conducted through an integrative literature review in the databases SciELO, LILACS, PubMed, PePSIC, and Google Scholar. After applying the inclusion and exclusion criteria, 12 articles published between 2018 and 2025 composed the final sample. The thematic analysis showed that the maintenance of abusive relationships is primarily sustained by negative reinforcement, when remaining in the relationship reduces conflicts, threats, or punishments and by intermittent reinforcement, characterized by the alternation between episodes of violence and displays of affection. Sociocultural and economic factors, along with the absence of support networks, also limit alternative responses and contribute to the maintenance of these coercive relationships. It is concluded that understanding the functional relations involved in emotional dependence is essential to guide clinical interventions and public policies that expand women's behavioral repertoires, strengthen coping skills, and provide new sources of reinforcement to support the disruption of coercive cycles.

Keywords: Violence against women; Emotional dependence; Abusive relationships; Behavior Analysis.

1. INTRODUÇÃO

A violência doméstica contra a mulher representa um dos problemas mais graves da sociedade contemporânea, com consequências profundas sobre a saúde física, emocional e social das vítimas. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2021), aproximadamente uma em cada três mulheres no mundo já foi agredida por um parceiro íntimo, o que evidencia a magnitude e a complexidade dessa questão.

No Brasil, as estatísticas permanecem elevadas, mesmo diante dos avanços legislativos e das políticas públicas voltadas para a proteção feminina. Nesse contexto, destaca-se a definição legal da violência psicológica contra a mulher, prevista na Lei nº 14.188 de 2021, que a caracteriza como causar dano emocional à mulher, de modo que a prejudique e perturbe seu pleno desenvolvimento ou que vise a degradar ou a controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, podendo esse dano ser alcançado mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, chantagem, ridicularização, limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que cause prejuízo à sua saúde psicológica e autodeterminação (BRASIL, 2021).

Historicamente, a violência contra a mulher foi sustentada por estruturas patriarcais que naturalizaram a dominação masculina e a submissão feminina. Essa cultura machista, enraizada há séculos, legitimou a agressão como algo tolerável, dificultando que muitas vítimas reconhecessem a violência e buscassem ajuda. Como aponta Martinelli (2020), a sociedade foi construída sob uma ordem em que os homens detinham o poder e as mulheres ficavam em posição de inferioridade, sem acesso às decisões importantes da vida pública ou privada, relegadas a papéis restritos como cuidado com o lar e família, sendo mantidas sob o controle masculino. Por essa razão, compreender a violência doméstica exige uma análise que vá além dos casos individuais, considerando os aspectos socioculturais que perpetuam essa realidade.

Fonseca, Ribeiro e Leal (2012) destacam que a violência doméstica é um fenômeno multideterminado, influenciado por crenças e representações sociais que reforçam papéis de gênero e naturalizam a desigualdade. Essas crenças moldam práticas culturais que mantêm a mulher em posição de submissão, fazendo com que o comportamento de suportar a violência seja, muitas vezes, socialmente reforçado. Silva e Laurenti (2016) afirmam que, à luz da teoria de B. F. Skinner, o papel social da mulher é produto de práticas culturais selecionadas por suas consequências, e não resultado de características inatas. Essa compreensão aproxima a Análise do Comportamento das teorias feministas de Simone de Beauvoir, ao reconhecer que não existe uma “essência feminina”, mas sim comportamentos mantidos por contingências sociais e reforçadores culturais.

Para os profissionais da Psicologia, o atendimento às mulheres em situação de violência constitui um desafio complexo, que demanda não apenas conhecimento técnico, teórico e sensibilidade cultural, mas também repertórios de escuta, acolhimento e intervenção sobre os fatores que dificultam a ruptura desses relacionamentos. Entre os principais obstáculos enfrentados pelas vítimas, destaca-se a dependência emocional, um vínculo afetivo prejudicial que as mantém presas ao agressor, mesmo diante de repetidas situações de violência.

Segundo Da Silva e Silva (2020), a mulher tende a anular-se, vivendo apenas em função desse companheiro, como se não conseguisse existir sem o suporte dele. Entre os principais aspectos que caracterizam essa dependência estão a tristeza constante, a incapacidade de viver sozinha, a ausência de uma vida própria, a necessidade de que todas as suas atividades estejam em torno do parceiro e a idealização de que o parceiro eventualmente mudará. Essa dinâmica frequentemente leva mulheres a se submeterem e tolerarem abusos psicológicos ou físicos, intercalados com períodos de aparente reconciliação.

A dependência emocional pode ser compreendida como um padrão de comportamento aditivo em que um indivíduo necessita do outro para manter seu equilíbrio emocional (BUTION; WECHSLER, 2016). Para as autoras, esse padrão é sustentado por um ciclo de reforçamento intermitente, em que momentos de afeto e arrependimento alternam-se com rejeição e punição, tornando o vínculo resistente à extinção. Esse tipo de relação é caracterizado por medo de abandono, submissão e busca constante por aprovação. Estes aspectos se conectam ao conceito de

controle coercitivo descrito por Sidman (2009), que define coerção como o uso de estímulos aversivos, tais como, ameaças, punições e chantagens com o objetivo de controlar o comportamento de outra pessoa. Esse tipo de controle pode produzir obediência imediata, além de medo, ansiedade e dependência, dificultando a emissão de comportamentos de enfrentamento e reforçando a permanência na relação abusiva.

A Análise do Comportamento, fundamentada pelo Behaviorismo Radical de Skinner (1953; 1974), contribui para a compreensão desse fenômeno ao investigar como as contingências ambientais, as experiências de vida, influenciam as decisões das vítimas. A partir do Behaviorismo Radical o comportamento humano é explicado pelo modelo causal de seleção por consequências, assumindo uma visão contextual e interacionista do comportamento (ZAMIGNANI et al., 2008; SKINNER, 1982) e sob essa perspectiva, a permanência em relacionamentos abusivos pode ser compreendida como resultado de contingências de aprendizagem e controle que, em algum momento da história de vida da vítima, foram reforçadoras, ainda que os custos fossem elevados.

Borges e Cassas (2012) explicam que o comportamento humano é produto das interações entre o indivíduo e o ambiente, sendo moldado e mantido pelas consequências que produz. A análise funcional dessas relações permite compreender que o comportamento de permanecer em uma relação abusiva é controlado por múltiplas variáveis, entre elas, a esquivas de punições, o reforçamento intermitente de afeto e as contingências culturais que punem o rompimento. Borges, Aureliano e Leonardi (2014) complementam que o comportamento deve ser compreendido a partir de suas funções e não apenas de sua forma, o que implica considerar as condições históricas e ambientais que mantêm o comportamento de submissão. Assim, compreender o fenômeno da violência doméstica sob a ótica da Análise do Comportamento significa reconhecer que as respostas das vítimas não são resultado de fraqueza pessoal, mas de um sistema de reforços e punições que restringe sua variabilidade comportamental.

As práticas culturais também exercem papel determinante na manutenção da desigualdade de gênero e da submissão feminina. Silva e Laurenti (2016) demonstram que, ao longo da história, as contingências sociais selecionaram comportamentos de obediência e dependência, enquanto puniram atitudes de

autonomia e enfrentamento. Essa manutenção cultural reforça o papel de vulnerabilidade e perpetua a ideia de que a mulher deve suportar o sofrimento em nome do amor ou da família. Fonseca, Ribeiro e Leal (2012) reforçam essa compreensão ao apontar que o silêncio e a tolerância, frequentemente observados em contextos de violência, são respostas aprendidas e reforçadas socialmente, pois evitam punições morais e o julgamento da comunidade.

Dessa forma, observa-se que a violência doméstica e a dependência emocional são fenômenos sustentados por redes complexas de contingências coercitivas, culturais e emocionais. A coerção, segundo Sidman (2009), reduz a liberdade e a capacidade de escolha, enquanto a ausência de reforçadores alternativos torna o comportamento de permanecer mais provável do que o de romper. Nesse contexto, o trabalho do psicólogo analítico-comportamental torna-se essencial, uma vez que busca identificar e modificar as contingências que mantêm padrões disfuncionais, ampliando o repertório de enfrentamento e fortalecendo novos comportamentos baseados em autonomia e autocuidado (BORGES; CASSAS, 2012).

A escolha desse tema justifica-se não apenas por sua urgência social, mas também pela necessidade de ampliar a discussão, no campo psicológico, sobre os processos que mantêm as vítimas presas aos relacionamentos violentos. Espera-se que esta pesquisa possa contribuir para a prática profissional de psicólogos, oferecendo apoio às bases teóricas e comportamentais que subsidiam intervenções mais eficazes e humanizadas voltadas à ruptura de ciclos abusivos e de dependência emocional.

Este trabalho tem como principal objetivo investigar na literatura, a partir da perspectiva da Análise do Comportamento, os elementos que dificultam que mulheres em situação de violência doméstica consigam romper com ciclos abusivos, considerando especialmente o papel da dependência emocional nesse cenário. Para isso, busca-se, (1) operacionalizar e descrever a partir da literatura as relações de controle que contribuem para manutenção de contingências aversivas e de dependência emocional que contribuem para a permanência dessas mulheres em relações marcadas pela violência, (2) apresentar e discutir os conceitos e processos comportamentais dessa abordagem que ajudam a compreender por que esses vínculos são mantidos, (3) também se buscará na literatura possíveis categorizações

de padrões relacionados às histórias de aprendizagem das vítimas que favorecem a repetição dessas situações.

2. METODOLOGIA

2.1 MÉTODO DE PESQUISA

Este trabalho foi desenvolvido a partir de uma revisão integrativa da literatura, com abordagem qualitativa e caráter descritivo. A revisão integrativa é um método de pesquisa que tem como finalidade reunir, analisar e sintetizar resultados de estudos já publicados sobre um determinado tema, possibilitando a construção de um panorama abrangente e fundamentado sobre o fenômeno investigado. Segundo Souza, Silva e Carvalho (2010), trata-se de um método que permite integrar diferentes delineamentos metodológicos, favorecendo o desenvolvimento de conhecimento científico, para a prática clínica e para identificação de lacunas na literatura.

Essa metodologia é amplamente utilizada nas ciências da saúde e humanas, especialmente na Psicologia, por possibilitar a integração de resultados e a identificação de lacunas existentes na literatura. Além disso, permite avaliar criticamente o conhecimento já produzido, oferecendo subsídios teóricos e práticos para novas pesquisas e intervenções. Por meio desse tipo de revisão, é possível compreender como o tema tem sido abordado ao longo do tempo, quais perspectivas teóricas predominam, quais variáveis são mais estudadas e quais aspectos ainda carecem de investigação.

No contexto do presente estudo, a revisão integrativa foi escolhida por se adequar à proposta de compreender, de maneira ampla e aprofundada, o fenômeno da dependência emocional em mulheres vítimas de violência doméstica, sob a ótica da Análise do Comportamento. Desta forma, a revisão integrativa possibilitou reunir diferentes achados que discutem as contingências comportamentais, emocionais e culturais envolvidas na manutenção de relacionamentos abusivos, favorecendo uma análise integrada e coerente com os princípios analítico-comportamentais.

2.2 PROCEDIMENTO

A elaboração da revisão ocorreu em etapas. Inicialmente, foi definida uma questão de pesquisa: Quais são os principais fatores que dificultam o rompimento de ciclos abusivos em mulheres vítimas de violência doméstica, sob a ótica da Análise do Comportamento?

A partir dessa questão norteadora, foram delineadas estratégias de busca, critérios de seleção e exclusão, e os procedimentos de análise dos estudos, de modo a assegurar rigor metodológico e coerência com os objetivos de pesquisa.

2.3 MATERIAIS E CRITÉRIOS DE BUSCA

Para realizar a busca dos estudos, foram utilizadas as bases de dados PubMed, LILACS, PePSIC, SciELO e Google Acadêmico. No entanto, os principais resultados e artigos relevantes foram encontrados nas bases SciELO e Google Acadêmico, que apresentaram maior número de publicações relacionadas ao tema.

Os descritores usados na busca foram: dependência emocional, violência contra a mulher e relacionamentos abusivos. Para refinar os resultados e tornar a busca mais precisa, foram utilizados os operadores lógicos booleanos, que permitiram combinar e relacionar os descritores de diferentes formas. As expressões utilizadas foram: (“dependência emocional” AND “violência contra a mulher”), (“relacionamentos abusivos” AND “Análise do Comportamento”) e (“violência doméstica” AND “dependência emocional” OR “relacionamentos abusivos”). Essa combinação permitiu ampliar a busca de artigos relevantes e ao mesmo tempo excluir aqueles que não apresentavam relação direta com o tema.

Foram definidos alguns critérios de inclusão para selecionar os materiais analisados: apenas artigos publicados entre 2018 e 2025, disponíveis na íntegra, escritos em língua portuguesa e que apresentassem no título ou no resumo os termos específicos como violência contra a mulher, dependência emocional e Análise do Comportamento. Além disso, os estudos precisavam discutir, de forma direta ou indireta, aspectos comportamentais e emocionais ligados à manutenção de relacionamentos abusivos.

Foram excluídos trabalhos duplicados, resumos, teses, dissertações, livros e artigos que não apresentassem relação direta com o tema proposto.

A seleção dos artigos ocorreu em duas etapas. Na primeira, foi feita a leitura dos títulos e resumos para identificar aqueles que realmente se encaixavam nos critérios definidos. Na segunda, foi realizada a leitura completa dos textos para confirmar a relevância e a coerência com os objetivos da pesquisa.

O levantamento inicial resultou em 1450 publicações, distribuídas da seguinte forma: SciELO (739), LILACS (668), PubMed (20), PePSIC (20) e Google Acadêmico (3). Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão e eliminação de duplicatas, 12 artigos compuseram a amostra final.

2.4 ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Após a leitura de cada artigo, as informações foram categorizadas e organizadas em uma planilha contendo os seguintes dados: ano de publicação, autores, título, resumo, base de dados e DOI. Essa organização permitiu a comparação entre os estudos e a identificação de convergências teóricas e metodológicas.

Em seguida, foi realizada uma análise qualitativa de conteúdo, que buscou identificar semelhanças e diferenças entre os achados, além de destacar padrões comportamentais, contingências de reforçamento e variáveis ambientais e históricas que podem contribuir para a manutenção de relações abusivas. Também foram observadas as estratégias de intervenção apontadas pela literatura como possíveis formas de favorecer o rompimento desses ciclos.

A análise dos conteúdos foi organizada em categorias temáticas que emergiram dos estudos selecionados, sendo elas: (1) respostas que envolvem a manutenção de relacionamentos abusivos; (2) variáveis de reforçamento envolvidas na dependência emocional; (3) história de aprendizagem e contingências ambientais associadas à permanência no ciclo abusivo; (4) efeitos da dependência emocional sobre a tomada de decisão e o autocontrole.

A partir destas categorias, foi possível integrar os achados e descrever como a literatura tem evidenciado os processos comportamentais que influenciam a permanência de mulheres em relações abusivas, além de identificar lacunas e potenciais direções para pesquisas futuras.

3. RESULTADOS

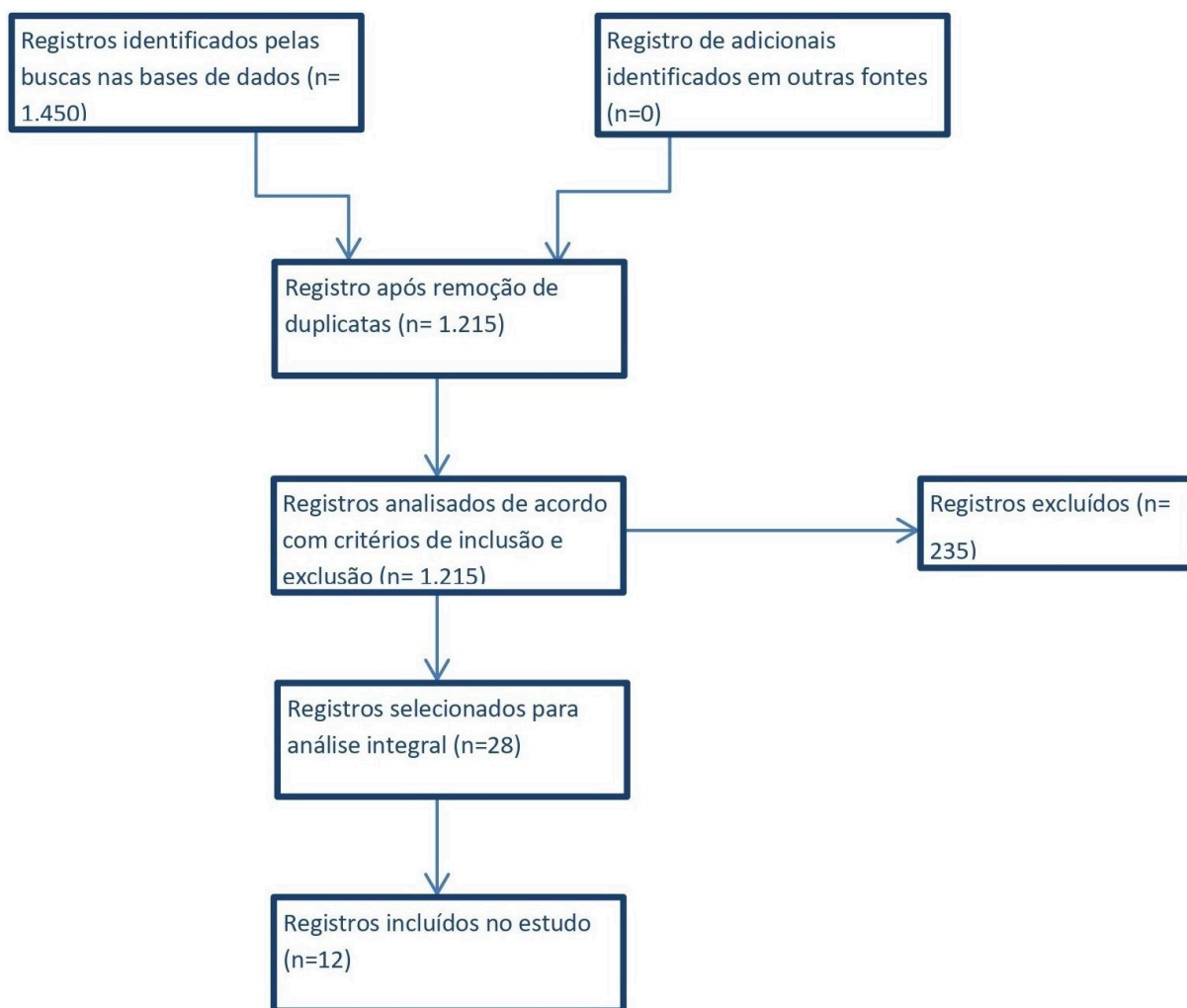
O levantamento bibliográfico realizado nas bases de dados SciELO, LILACS, PubMed, PePSIC e Google Acadêmico resultou em um total de 1.450 registros, distribuídos da seguinte forma: SciELO (739), LILACS (668), PubMed (20), PePSIC (20) e Google Acadêmico (3).

Após leitura inicial dos títulos e resumos e remoção dos estudos duplicados, 1.215 registros foram avaliados quanto à pertinência com o tema. Destes, 1.187 foram excluídos por não atenderem aos critérios de inclusão. Os 28 artigos remanescentes foram submetidos a leitura completa para verificação de elegibilidade. Ao final dessa etapa, 12 estudos atenderam integralmente aos critérios de inclusão e compuseram a amostra final desta revisão integrativa.

Além disso, foi elaborado um quadro analítico (Quadro 1) contendo a síntese dos 12 artigos selecionados, no qual foram organizados os principais achados de cada estudo em quatro eixos temáticos: (1) respostas que envolvem a manutenção de relacionamentos abusivos; (2) variáveis de reforçamento associadas à dependência emocional; (3) história de aprendizagem e contingências ambientais relacionadas à permanência; e (4) efeitos da dependência emocional sobre a tomada de decisão e o autocontrole. Essa sistematização permitiu identificar padrões recorrentes entre os estudos, como a presença de reforçamento intermitente de afeto, mecanismos coercitivos, histórias de aprendizagem marcadas por violência e normas culturais punitivas, bem como o impacto da dependência emocional na redução do autocontrole e na dificuldade de romper o ciclo abusivo. O quadro possibilitou uma comparação estruturada entre os artigos, contribuindo para a compreensão integrada das variáveis comportamentais que mantêm mulheres em relacionamentos abusivos.

O processo de identificação, triagem e seleção dos artigos está apresentado no fluxograma a seguir (Figura 1).

Figura 1. Fluxograma do processo de seleção de artigos encontrados na busca.



Fonte: Elaborado pela autora

Quadro 1: Análise dos estudos incluídos.

Artigo / Ano	Respostas que envolvem a manutenção de relacionamentos abusivos	Variáveis de reforçamento envolvidas na dependência emocional	História de aprendizagem e contingências ambientais associadas à permanência	Efeitos da dependência emocional sobre a tomada de decisão e autocontrole
Dependência emocional em relacionamentos conjugais: possíveis fatores e	O estudo evidencia sentimentos de culpa, medo de	O comportamento de permanecer é mantido por	A história de aprendizagem mostra experiências	A dependência emocional reduz a

consequências (SANTOS; CAMARGO, 2024)	abandono, idealização do parceiro e necessidade de aprovação como variáveis emocionais centrais. Esses estados privados reforçam padrões de submissão e evitamento de conflito.	reforçamento intermitente de afeto e atenção, e por reforço negativo que ocorre quando a mulher evita punições ou a solidão ao continuar na relação.	de apego inseguro e contextos familiares em que o amor é associado à obediência e subordinação, o que favorece a repetição de vínculos coercitivos.	sensibilidade a consequências futuras, aumentando a probabilidade de manter comportamentos de esquiva e diminuindo o autocontrole necessário para romper o ciclo abusivo.
Violência contra a mulher baseada no gênero: uma revisão de escopo (FERNANDES et al., 2025)	O artigo identifica sentimentos de medo, vergonha e crenças de que a mulher deve suportar o parceiro como principais fatores emocionais de manutenção. Há também o controle social exercido por	A permanência é reforçada por reforço social positivo, como aceitação do grupo e preservação da imagem familiar, e por reforço negativo, pela esquiva da desaprovação social ou de possíveis retaliações.	A história de aprendizagem é marcada pela naturalização de papéis de gênero e pela punição de comportamentos de enfrentamento, o que cria um ambiente coercitivo e de restrição de escolhas.	A dependência emocional gera comportamentos governados por regras sociais e reduz a autoconfiança, levando à evitação de mudanças e dificultando o rompimento do ciclo.

	normas culturais.			
Violência contra as mulheres na pandemia de Covid-19: uma revisão sistemática (STOCK et al., 2024)	Mostra o aumento da violência doméstica durante o isolamento, associado ao medo, à ansiedade e à culpa. O estresse e o confinamento intensificaram o vínculo de dependência emocional.	O comportamento de permanência é mantido por reforço negativo, pois permanecer reduz o risco de conflito imediato, e por reforço intermitente de atenção, que mantém a expectativa de mudança.	O isolamento funcionou como operação motivadora, privando a mulher de reforçadores sociais (apoio, contato externo), o que aumentou o valor reforçador do parceiro mesmo em contexto de abuso.	O autocontrole é reduzido pela falta de alternativas e pelo esgotamento emocional; a mulher passa a emitir respostas imediatas de esquiva em vez de ações planejadas de proteção.
“Eu sofria calada...” – Silenciamentos: reproduções e rupturas da violência contra as mulheres que vivem em áreas rurais	O artigo destaca a vergonha, o silenciamento e a naturalização da violência como respostas aprendidas culturalmente. As mulheres relatam medo de julgamento e	Há predominância de reforço social negativo, ao evitar o ostracismo e a punição moral, e de reforço positivo ligado à manutenção do papel conjugal	O contexto rural reforça padrões tradicionais e pune o enfrentamento. A ausência de políticas públicas eficazes e a distância geográfica dos	A dependência emocional e o medo social aumentam o controle por esquiva; a tomada de decisão é inibida pela antecipação de perdas

(STOCHERO; PINTO, 2024)	de exclusão comunitária.	valorizado pela comunidade.	serviços fortalecem o controle social.	sociais e emocionais.
Violência contra a mulher: um retrato dos atendimentos do Centro de Referência da Mulher (CRM) no município de Crato – CE (BARBOSA; LIMA, 2024)	O estudo revela sentimentos de impotência, medo e dependência financeira, associados à ineficácia institucional e à ausência de acolhimento.	Há reforço social positivo ao manter a aparência de uma “família estável” e reforço negativo por evitar punições do agressor e reações adversas de terceiros.	A história de aprendizagem é caracterizada pela convivência em ambientes coercitivos, onde o comportamento de denúncia é punido, e a submissão é reforçada.	A dependência emocional promove um padrão de esquiva generalizada e reduz o contato com reforçadores alternativos, tornando o rompimento menos provável.
Abuso psicológico, autoestima e dependência emocional de mulheres durante a pandemia de COVID-19 (PAIVA; LIMA; CAVALCANTI, 2022)	Demonstra a relação entre abuso psicológico, baixa autoestima e aumento da dependência emocional. O medo de abandono e a esperança de mudança	O reforçamento ocorre por redução de ansiedade (reforço negativo) ao evitar confrontos, e por reforço intermitente de atenção e afeto após agressões.	A história de aprendizagem mostra padrões de apego ansioso e reforçamento de comportamentos de submissão como forma de evitar	A dependência emocional reduz o autocontrole e favorece respostas impulsivas orientadas por esquiva, perpetuando o ciclo abusivo.

	mantêm o vínculo.		rejeição ou conflito.	
Análise funcional da permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos: um estudo prático (PEREIRA; CAMARGO; AOYAMA, 2018)	Identifica a esperança de mudança, o medo, a dependência afetiva e a falta de apoio social como fatores emocionais que mantêm a relação.	A permanência é mantida por reforçamento intermitente de afeto e atenção e por reforço negativo relacionado à fuga de punições e ameaças.	O artigo destaca uma história de aprendizagem coercitiva e regras culturais que reforçam a submissão, como crenças religiosas e valores familiares tradicionais.	A dependência emocional reduz a probabilidade de respostas de contracontrole, mantendo o comportamento passivo e diminuindo o engajamento em ações de ruptura.
A permanência de mulheres em relacionamentos abusivos à luz da Teoria da Ação Planejada (GOMES; FERNANDES, 2018)	Aponta como atitudes, crenças normativas e percepção de controle moldam o comportamento de permanecer. O medo, a culpa e a desvalorização pessoal são destacados.	O comportamento é mantido por reforço social (aceitação familiar e comunitária) e reforço negativo (evitar retaliações ou punições físicas e psicológicas).	A história de aprendizagem envolve crenças internalizadas que funcionam como regras verbais ("é preciso suportar"), além da influência de normas de gênero que punem	A dependência emocional enfraquece a autoconfiança e o senso de controle, prejudicando a tomada de decisão autônoma e a capacidade de romper o vínculo.

			comportament os de enfrentamento .	
Por que elas ficam? Uma revisão analítico-comportamental sobre a permanência de mulheres em relacionamentos coercitivos (GOMES, 2018)	Apresenta coerção, ameaças e isolamento progressivo como principais mecanismos de controle. O ciclo de carinho e agressão sustenta o vínculo emocional.	A permanência é mantida por reforçamento positivo intermitente (atenção e carinho após agressões) e reforço negativo (evitar punição, conflito ou abandono).	A história de aprendizagem mostra isolamento social e redução de acesso a reforçadores alternativos, o que eleva o valor reforçador do parceiro.	A dependência emocional e o reforçamento intermitente levam a escolhas de curto prazo e reduzem a sensibilidade a consequências futuras, diminuindo o autocontrole.
Análise de perfis criminais no contexto da violência doméstica (ATANÁSIO; CORDEIRO, 2024)	Mostra o controle emocional exercido pelo agressor, incluindo manipulação, intimidação e humilhação, que geram medo e insegurança.	O comportamento de permanência é mantido por controle coercitivo (punições e ameaças) e por reforço negativo, em que o silêncio ou a obediência reduzem a exposição à violência.	A história de aprendizagem inclui experiências prévias de abuso e contextos sociais punitivos, que reforçam a esquiva e inibem comportamentos de denúncia.	A dependência emocional gera conflito entre medo e afeto, aumentando a ambivalência e reduzindo o autocontrole necessário para romper a relação.

Um estudo sobre os possíveis aspectos associados à violência nos relacionamentos amorosos (PINTO et al., 2025)	O artigo identifica fatores como ciúme, uso de álcool, culpabilização da vítima, machismo e transgeracionalidade da violência, apontando a dependência emocional como mediadora.	O vínculo é mantido por reforço social positivo (aprovação do papel feminino submisso) e reforço intermitente de afeto e atenção, além de reforço negativo (evitar perseguição ou novas agressões).	A história de aprendizagem demonstra repetição de padrões familiares e ausência de modelos de relacionamentos saudáveis, com contingências que restringem escolhas e reforçam a submissão.	A dependência emocional gera ambivalência e paralisação diante do conflito entre o desejo de mudar e o medo de perder o vínculo, reduzindo o autocontrole e perpetuando o ciclo abusivo.
--	--	---	--	--

Fonte: Elaborado pela autora

4. DISCUSSÃO

Os resultados desta revisão integrativa apontaram que a manutenção de mulheres em relacionamentos abusivos envolveu um conjunto de contingências emocionais, sociais e ambientais que interagem de maneira complexa, produzindo um padrão de comportamento caracterizado pela permanência e pela dificuldade de rompimento do ciclo de violência. A análise conjunta dos 12 artigos selecionados permitiu observar que, embora abordem o fenômeno sob diferentes enfoques, todos convergem ao evidenciar o papel da dependência emocional como uma variável central no controle do comportamento das vítimas.

No artigo de Santos e Camargo (2024), a dependência emocional apareceu associada a sentimentos de culpa, medo de abandono, vazio emocional e idealização do parceiro, variáveis emocionais que mantêm comportamentos de submissão e evitação de conflito. Esse padrão também foi observado no estudo de

Paiva, Lima e Cavalcanti (2022), que demonstrou que quanto maior o abuso psicológico, maior a dependência e menor a autoestima, configurando um ciclo de reforçamento entre violência e apego. Ambos os estudos revelaram que o medo e a busca por aprovação funcionam como respostas privadas reforçadas pela redução temporária de estímulos aversivos, como críticas, rejeição e solidão.

Essas mesmas variáveis emocionais são descritas de modo semelhante por Pereira, Camargo e Aoyama (2018), cujo estudo analítico-comportamental mostra que a esperança de mudança do parceiro e a dependência afetiva são contingências diretamente relacionadas à permanência. O reforçamento intermitente de afeto e arrependimento, identificado pelas autoras, também foi descrito por Atanásio e Cordeiro (2024) como parte do “ciclo da violência”, em que a fase de reconciliação após o conflito reforça o vínculo coercitivo. Assim, os achados de ambos os estudos reforçam que a expectativa de afeto e o alívio imediato da tensão mantêm o comportamento de permanecer, ainda que o ambiente seja aversivo.

O controle coercitivo se mostra um componente transversal nos estudos. Gomes (2018) explica que as ameaças, o isolamento e as punições contingentes à tentativa de ruptura reduzem a probabilidade de emissão de comportamentos de enfrentamento, o que também é relatado por Barbosa e Lima (2024), ao analisarem o impacto da ineficácia institucional e do medo de revitimização sobre o silêncio das vítimas. Em ambos os contextos, o comportamento de não denunciar ou não reagir é mantido por reforçamento negativo, pois evita novas punições sejam elas físicas, psicológicas ou sociais.

A literatura também destaca o papel das contingências sociais e culturais como reforçadores do comportamento de submissão. No artigo de Stochero e Pinto (2024), que investigou mulheres rurais, o silenciamento é compreendido como uma resposta aprendida e reforçada socialmente, uma vez que evita punições morais e o julgamento da comunidade. Esse padrão é consistente com o que Fernandes et al. (2025) identificaram em sua revisão de escopo, ao destacarem que o comportamento de permanecer está relacionado à internalização de normas de gênero que reforçam a ideia de que “a mulher deve suportar o parceiro”. Observa-se, portanto, que tanto em contextos rurais quanto urbanos, a coerção social funciona como um sistema de controle que reforça a obediência e pune o rompimento.

Outro ponto de convergência importante entre os estudos foi a influência das condições socioeconômicas e da ausência de reforçadores alternativos. Stochero e Pinto (2024), em seu segundo estudo, mostraram que mulheres com menor escolaridade e dependência financeira são mais vulneráveis à violência e menos propensas a romper o relacionamento. Esse dado é complementado por Barbosa e Lima (2024), que evidenciam a falta de políticas públicas e de acolhimento como fatores que reduzem o repertório comportamental das vítimas. Em ambos os casos, a ausência de apoio institucional e social reduz a probabilidade de emissão de respostas de enfrentamento, mantendo o comportamento de esquiva.

A análise comparativa dos estudos também evidenciou que a história de aprendizagem coercitiva é um fator recorrente na formação de padrões de dependência emocional. Pereira, Camargo e Aoyama (2018) identificaram que as participantes apresentavam histórico de submissão em outros contextos, o que reforçou a hipótese de repetição de padrões aprendidos. Pinto et al. (2025) corroboram esse achado ao discutirem a transgeracionalidade da violência, mostrando que a exposição a modelos familiares coercitivos favorece a aprendizagem de comportamentos de tolerância à violência e reforça a crença de que o amor está associado à obediência. Da mesma forma, Gomes e Fernandes (2018) observam que crenças internalizadas como “preciso aguentar” ou “ele vai mudar”, funcionam como regras que governam o comportamento, mantendo o vínculo mesmo diante de consequências negativas.

Em vários estudos, a dependência emocional surge como um fator que reduz a capacidade de tomada de decisão e o autocontrole. Paiva, Lima e Cavalcanti (2022) associam a dependência à diminuição da autoestima e à intensificação de respostas impulsivas, enquanto Santos e Camargo (2024) a descrevem como um estado de vulnerabilidade emocional em que o sujeito busca constantemente aprovação e segurança. Essa relação é reforçada por Gomes (2018), que apontou que o reforçamento intermitente e o medo de punição tornam o comportamento de permanência mais provável do que o de rompimento. Assim, a dependência emocional aparece como um elo funcional entre o histórico de coerção e as contingências atuais que sustentam o comportamento.

Por fim, observa-se que os estudos convergem ao indicar que o rompimento de ciclos abusivos depende da modificação das contingências que mantêm o

comportamento de permanecer. Pereira, Camargo e Aoyama (2018) enfatizam a importância de ampliar o repertório de enfrentamento e de criar novas fontes de reforço social e afetivo, enquanto Pinto et al. (2025) sugerem que a prevenção e o fortalecimento de redes de apoio são estratégias fundamentais para alterar as condições ambientais coercitivas. Stochero e Pinto (2024) também reforçaram que a superação da violência exige a presença de reforçadores alternativos, como acolhimento, informação e suporte comunitário.

Apesar da consistência dos achados, esta revisão evidenciou lacunas importantes na literatura recente. Observou-se que poucos estudos realizam análises funcionais completas que integrem história de aprendizagem, operações motivadoras e variáveis culturais de forma articulada. Além disso, há escassez de produções analítico-comportamentais que descrevam intervenções específicas voltadas à modificação das relações funcionais identificadas, especialmente no que diz respeito à estruturação de contingências alternativas capazes de aumentar a probabilidade de emissão de novos comportamentos sociais ou de enfrentamento. Também se nota a ausência de discussões mais aprofundadas sobre como criar ambientes reforçadores que concorram efetivamente com o contexto coercitivo, favorecendo o desenvolvimento de repertórios alternativos e ampliando a variabilidade comportamental. Essas lacunas indicam a necessidade de estudos aplicados que aproximem os conceitos da Análise do Comportamento das práticas clínicas e sociais voltadas às mulheres em situação de violência.

De modo geral, a integração dos 12 estudos evidenciou que permanecer em relacionamentos abusivos resultava de relações funcionais consolidadas ao longo do tempo, nas quais a dependência emocional se estabelece como um padrão de resposta mantido principalmente por reforçamento negativo, quando a permanência reduz desconforto, conflitos, ameaças ou punições e por reforçamento intermitente, marcado pela alternância entre violência e demonstrações de afeto que fortalecem a expectativa de mudança. Esses processos, somados às condições sociais, econômicas e culturais restritivas, limitam a emissão de respostas alternativas e tornam o rompimento menos provável.

Assim, compreender esses mecanismos é fundamental para orientar práticas clínicas e políticas públicas capazes de interromper o ciclo de reforçamento que sustenta a relação abusiva, ampliando o acesso a novas fontes de apoio e

promovendo condições que favoreçam comportamentos de autonomia, autocuidado e ruptura com a violência. Trata-se, portanto, de reconhecer que superar esses vínculos exige a modificação das contingências que mantêm o sofrimento, permitindo que outras formas de viver mais seguras, reforçadoras e dignas tornem-se possíveis.

5. CONCLUSÃO

A presente revisão integrativa permitiu compreender, a partir da perspectiva da Análise do Comportamento, que a permanência de mulheres em relacionamentos abusivos não é resultado de fragilidade individual, mas de relações funcionais complexas que se estabelecem ao longo da história de vida e são mantidas por condições ambientais atuais. Os estudos analisados mostraram que a dependência emocional não é a causa única da permanência, mas um padrão de resposta aprendido, reforçado repetidamente em contextos marcados por controle coercitivo, instabilidade afetiva e reforçamento intermitente.

Observou-se que respostas como medo, culpa, submissão, esperança de mudança e busca constante por aprovação não surgem de maneira isolada: elas são fortalecidas toda vez que reduzem conflitos, evitam punições ou produzem, mesmo que de forma breve, atenção e afeto por parte do agressor. Esses mecanismos ajudam a explicar por que tantas mulheres permanecem em relações que produzem sofrimento, mesmo quando reconhecem a violência.

Além disso, fatores socioculturais como normas de gênero, naturalização da violência, desigualdade econômica e ausência de apoio social funcionam como barreiras adicionais, limitando a emissão de respostas alternativas e reduzindo o acesso a ambientes que poderiam oferecer reforçadores mais saudáveis. Em muitos casos, esses elementos ampliam o controle exercido pelo agressor e dificultam que a mulher entre em contato com possibilidades reais de mudança.

Dessa forma, os achados desta revisão apontam que o rompimento com o ciclo abusivo exige mais do que força de vontade ou consciência da violência. É necessário alterar as contingências que mantêm o vínculo, oferecendo às mulheres novas fontes de reforço como acolhimento, suporte emocional, segurança material e acesso a redes de apoio que favoreçam comportamentos de autonomia,

autocuidado e proteção. Intervenções clínicas baseadas na Análise do Comportamento também se mostram essenciais, pois permitem identificar as relações funcionais que sustentam a permanência e ampliar o repertório de respostas disponíveis.

Por fim, este estudo reforça a importância de compreender a violência doméstica como um fenômeno multideterminado, cuja superação depende da articulação entre práticas clínicas, políticas públicas e ações sociais que promovam ambientes menos coercitivos e mais reforçadores. Assim, entende-se a importância de intervenções que tenham como objetivo central ampliar repertórios alternativos que favoreçam maior variabilidade comportamental e possibilitem que mais mulheres rompam o ciclo de violência e reconstruam suas vidas com autonomia, segurança e dignidade.

AGRADECIMENTOS

A Deus, deixo minha gratidão por iluminar meus caminhos, fortalecer meu coração nos momentos de cansaço e permitir que eu chegasse até aqui. À Faculdade Galileu, por ter sido o espaço onde cresci, aprendi e me redescobri ao longo dessa jornada.

Expresso minha profunda gratidão à minha orientadora, Bárbara Miras, pela paciência, acolhimento e dedicação. Sua presença e orientação foram fundamentais para meu processo de construção, aprendizado e amadurecimento acadêmico.

Levo também no coração cada contribuição dos meus professores, que, com suas aulas, explicações e palavras de incentivo, deixaram marcas valiosas e ajudaram a moldar minha caminhada.

Ao meu namorado, meu companheiro de todas as horas, deixo meu carinho por ter acreditado em mim mesmo quando eu duvidava. Seu apoio, cuidado e presença constante foram essenciais para que eu permanecesse firme. Aos meus pais, minha base, alicerce e motivação, expresso meu amor e reconhecimento por todo o apoio, compreensão e encorajamento ao longo dessa trajetória.

E, por fim, agradeço a todos que torceram por mim ou contribuíram de alguma forma durante essa caminhada. Cada gesto, incentivo e presença ajudou a tornar

este sonho realidade e a construir, dia após dia, a profissional que estou me tornando. Sou profundamente grata por cada pessoa que fez parte desse caminho.

REFERÊNCIAS

Angélico, A. P., & Bauth, M. F. (2020). **Avaliação da ansiedade de estudantes de psicologia em situações experimentais de falar em público**. Psicologia: Ciência e Profissão, 40, e214267. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003214267>

ATANÁSIO, Thais Souza; CORDEIRO, Taiana Levinne Carneiro. **Análise de perfis criminosos no contexto da violência doméstica**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação (REASE), Sergipe, v. 10, n. 5, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v10i5.13996>. Acesso em: 01 out. 2025.

BARBOSA, Wendell de Freitas; LIMA, Palloma Sthefhanny Brito. **Violência contra a mulher: um retrato dos atendimentos do Centro de Referência da Mulher (CRM) no município de Crato, Ceará, Brasil**. Cadernos CRH, Salvador, v. 37, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/ccrh.v37i0.47885>. Acesso em: 20 set. 2025.

BORGES, Nicodemos B.; CASSAS, Fernando A. **Clínica analítico-comportamental: aspectos teóricos e práticos**. Artmed Editora, 2012.

BRASIL. **Lei nº 14.188, de 28 de julho de 2021**. Brasília, DF: Presidência da República, 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/07/29/lei-cria-programa-sinal-vermelho-e-institui-crime-de-violencia-psicologica-contra-mulher#:~:text=A%20Lei%2014.188%2C%20de%202021%20tamb%C3%A9m%20inclui%20no%20C%C3%B3digo%20Penal,comportamentos%2C%20cren%C3%A7as%20e%20decis%C3%B5es%E2%80%9D>.

Bution, D. C., & Wechsler, A. M. (2016). **Dependência emocional: Uma revisão sistemática da literatura**. Estudos Interdisciplinares em Psicologia, 7(1), 77-101. doi: 10.5433/2236-6407.2016v7n1p77
<https://doi.org/10.5433/2236-6407.2016v7n1p77>

DA SILVA, Daniele; SILVA, Renata Limongi França Coelho. **Violência Contra As Mulheres Nos Relaciamentos Conjugais E A Dependência Emocional: fator que**

influencia a permanência na relação. **Humanidades e Tecnologia (FINOM)**, v. 20, n. 1, p. 328-340, 2020.

DE SOUZA PEREIRA, Daniely Cristina; CAMARGO, Vanessa Silva; AOYAMA, Patricia Cristina Novaki. Análise funcional da permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos: Um estudo prático. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 20, n. 2, p. 10-25, 2018.

FERNANDES, Sheyla Christine Santos; MARTINS, Marcikele Nascimento; ROCHA, Samyra Araújo Ferro; ESTRAMIANA, José Luis Álvaro; BILBAO-NIEVA, M. Isidora; VIONE, Katia Corrêa; ANTÔNIO, Mery José; MALOA, Benvindo Felismino Samuel. **Violência contra a mulher baseada no gênero: uma revisão de escopo**. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 30, n. 5, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232025305.02142025>. Acesso em: 15 set. 2025.

Fonseca, D. H., Ribeiro, C. G., & Leal, N. S. B. (2012). **Violência doméstica contra a mulher: Realidades e representações sociais**. Psicologia & Sociedade, 24(2), 307-314. doi: 10.1590/S0102-71822012000200008 » <https://doi.org/10.1590/S0102-71822012000200008>

GOMES, Ingrid Raphaelle Rolim; FERNANDES, Sheyla C. S. **A permanência de mulheres em relacionamentos abusivos à luz da Teoria da Ação Planejada**. Boletim da Academia Paulista de Psicologia (PePSIC), São Paulo, v. 38, n. 94, p. 51–60, 2018. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-711X2018000100006&script=sci_arttext. Acesso em: 31 out. 2025.

GOMES, Márcia Kellen Tavares. **Por que elas ficam? Uma revisão analítico-comportamental sobre a permanência de mulheres em relacionamentos coercitivos**. 2018. Monografia (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/42722>. Acesso em: 31 out. 2025.

MARTINELLI, Aline. Violência contra a mulher: uma abordagem histórica. **Teoria Jurídica Contemporânea**, v. 5, n. 2, p. 11-43, 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Violence against women. **Geneva: World Health Organization**, 2021. Disponível em:

<https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/violence-against-women>. Acesso em: 27 maio 2025.

PAIVA, Tamyres Tomaz; LIMA, Kaline da Silva; CAVALCANTI, Jaqueline Gomes. **Abuso psicológico, autoestima e dependência emocional de mulheres durante a pandemia de COVID-19**. Ciencias Psicológicas, Montevideo, v. 16, n. 2, p. 1–16, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.22235/cp.v16i2.2257>. Acesso em: 29 out. 2025.

PEREIRA, Daniely Cristina de Souza; CAMARGO, Vanessa Silva; AOYAMA, Patrícia Cristina Novaki. **Análise funcional da permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos: um estudo prático**. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 10–25, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v20i2.1026>. Acesso em: 25 out. 2025.

PINTO, Maria Luísa Cavalcanti; SIQUEIRA, Beatriz Moreira Alcântara de; SARAIVA, Daniel Belian; SOUZA, Juliana Cavalcanti de; MELO, Mônica Cristina Batista de; GARCIA, Melissa Neves. **Um estudo sobre os possíveis aspectos associados à violência nos relacionamentos amorosos**. Revista RPDS – Revista de Pesquisa e Debate em Desenvolvimento Social, Salvador, v. 10, n. 5, e5899, 2025. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpds.2025.e5899>. Acesso em: 30 out. 2025.

SANTOS, Thayne de Oliveira; CAMARGO, Murilo Reis. **Dependência emocional em relacionamentos conjugais: possíveis fatores e consequências**. Psicologia USP, São Paulo, v. 35, e220002, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e220002>. Acesso em: 11 out. 2025.

SIDMAN, M. (1989) **Coerção e suas implicações**. Trad. Maria Amália Andery e Tereza Maria Sério. Campinas: Livro Pleno, 2009.

SILVA, E; LAURENTI, C. B. F. Skinner e Simone de Beauvoir: **“a mulher” à luz do modelo de seleção pelas consequências**. Perspectivas Em Análise Do Comportamento, vol. 7, n.2, pp.197-211, 2017. Disponível em: < <https://doi.org/10.18761/pac.2016.009> > Acesso em 26 set. 2025.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. Tradução de João Cláudio Todorov e Rodolpho Azzi. São Paulo: Edart, 1974. (Publicado originalmente em 1953)

SKINNER, B. F. **Sobre o behaviorismo**. Tradução de Maria P. Vilalobos. São Paulo: Cultrix, 1982. (Publicado originalmente em 1974).

SOUZA, M. T. DE .; SILVA, M. D. DA .; CARVALHO, R. DE .. **Integrative review: what is it? How to do it?**. einstein (São Paulo), v. 8, n. 1, p. 102–106, jan. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134>

STOCHERO, Luciane; PINTO, Liana Wernersbach. “**Eu sofria calada e certamente toda mulher é assim**” – Silenciamentos: reproduções e rupturas da violência contra as mulheres que vivem em contextos rurais. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 7, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232024297.02522024>. Acesso em: 18 out. 2025.

STOCHERO, Luciane; PINTO, Liana Wernersbach. **Prevalência e fatores associados à violência contra as mulheres rurais: um estudo transversal** (Pesquisa Nacional de Saúde, 2019). *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232024291.20452022>. Acesso em: 30 set 2025.

STOCK, Tatiana Otto; GONSALES, Maria Leonor; GUIMARÃES, Stephanie da Selva; COSTA, Ângelo Brandelli. **Violência contra as mulheres na pandemia de Covid-19: uma revisão sistemática**. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-7331202434037pt>. Acesso em: 13 out. 2025.

ZAMIGNANI, D. R.; SILVA NETO, A. C. P.; MEYER, S. B. **Uma aplicação dos princípios da análise do comportamento para a clínica: a terapia analítico-comportamental**. *Boletim Paradigma*, n. 3, p. 9-16, 2008. Disponível em: <https://www.institutopar.org/wp-content/uploads/2022/06/boletim-paradigma-volume-03-2008.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2025.